

Aposenta-se o grande pacificador

A aposentadoria dos irmãos Villas Boas, pedida há quatro anos, só depende de dinheiro. Seu salário real, pago pela Sudeco, é muito pequeno. A complementação é feita pela Funai, por meio de comissões. A solução encontrada pelo Ministro do Interior é aposentá-los pela Funai. E assim, Orlando e Cláudio terão 8 mil cruzeiros por mês para sustentar a família. Enquanto esperam a aposentadoria, os Villas Boas já receberam muitas notícias boas. A primeira: são candidatos (muito fortes) ao Prêmio Nobel da Paz. E dia 23, às 11 horas da manhã, recebem a Medalha do Mérito da Ordem do Rio Branco, das mãos do presidente da República. Orlando, contente com a notícia, comentava ontem a sua única dúvida: "Será que eu fico bem de terno escuro?" Nesta página, Orlando Villas Boas fala dos seus 32 anos de vida na selva. Na página seguinte, alguns trechos do Diário inédito dos Villas Boas.

Suas lembranças:

POR LÍGIA MARTINS DE ALMEIDA; FOTOS DE ROLANDO DE FREITAS.

Faz quatro anos que o pedido circula pelas repartições.

Os irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas vêm, muito respeitosamente, solicitar a sua aposentadoria: 32 anos de serviços prestados na selva, a pacificação de várias tribos, a criação de diversos postos avançados hoje pertencentes à FAB, e 200 malárias são os argumentos com que eles solicitam a sua aposentadoria.

Há que se reconhecer, o caso é complicado. Eles começaram como funcionários da Fundação Brasil Central. A Fundação foi extinta e eles passaram a integrar os quadros da Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-Oeste — Sudeco — e estão, desde 67, emprestados à Funai.

Mas, com aposentadoria ou não, os Villas Boas correm o risco de terem que, no fim deste ano, comprar casaca e passagem para a Suécia. Eles são fortes candidatos ao Prêmio Nobel da Paz em 1975, pelo seu trabalho junto aos índios.

Tudo começou em 1941. Tudo começou com um não.

O presidente Getúlio Vargas havia nomeado o coronel Flaviano Matos Vanique chefe da expedição Roncador-Xingu, cujo objetivo era "preencher os claros do Brasil Central".

Mas o ex-chefe da guarda pessoal de Getúlio tinha idéias próprias e respeito do sertão. Como ele mesmo explicou aos Villas Boas:

— Não quero saber de gente da cidade na expedição, nada de mocinhos letrados. O que eu quero é gente dura do sertão, matadores.

O coronel ainda falou da maleita, do calor, da comida ruim, dos mosquitos. Mas não convenceu os três meninos. O coronel queria jagunços? Eles seriam jagunços.

E foi inscrito como analfabetos que, em dezembro de 43, eles partiram para o sertão. O destino era Manaus, partindo de Aragarças. A viagem durou muitos anos e já nos primeiros tempos deu aos Villas Boas o título de delegados do CPI.

— Conselho Nacional de Proteção ao Índio, do qual Cândido era o presidente.

Orlando lembra como foi:

— A idéia era que a expedição devia ter à frente uma volante da polícia goiana. Tanto que o major encarregado já se encontrava na base da expedição, com seus homens e suas armas. Ele devia ir na frente, matando os índios que aparecessem. Quando a notícia chegou ao Rio de Janeiro, Rondon protestou e o ministro do Interior João Alberto, o idealizador da expedição, mandou tirar os policiais da vanguarda.

Os irmãos Villas Boas, como encarregados, conseguiram atravessar toda a área Xavante sem matar ninguém, apesar de muitos encontros perigosos com os índios. Rondon, entusiasmado, nomeou-os delegados do CPI.

— Tinha gente estranha naquela expedição — conta Orlando. — O velho Piauí, com 18 mortes, o Peres, com 14, e o Antenor, com 8 mortes. Ia ser duro conviver com eles. A gente podia tentar se impor pela força, mas ia adiantar?

Foi então que eles começaram a conversar sério com aqueles homens, todos os dias, depois de muito trabalho, à beira do fogo, a viola tocando. E foi assim que os matadores se transformaram em excelentes auxiliares.

— Nunca, em todas as escaramuças que tivemos com os índios, aqueles trabalhadores perderam o controle. Atravessamos a área xavante sem matar um índio. Eles entenderam que se respeitassem a família do índio, a terra do índio, não haveria problemas.

Orlando, Cláudio e Leonardo aprendiam a lidar com o sertanejo, e aprendiam a lidar com o índio.

— Descobrimos que o índio nos observava o tempo todo — diz Orlando. — Só atacaria quando se sentisse ameaçado. Quando achasse que estávamos tentando disputar a terra com ele. Cada vez que parávamos para estabelecer um posto, os índios xavantes reagiam, tentando amedrontar-nos. Mais adiante, no Xingu, não encontramos tantos problemas. Para aqueles índios, nós éramos novidade. Eles queriam ver o que a gente podia oferecer.

O branco podia oferecer utensílios como o machado de ferro, a enxada, o anzol, o sal e a camisa — uma excelente defesa contra o pium, um inimigo contra o qual o índio não tem defesa.

— Mas o índio pagou um preço caríssimo pela presença do branco entre eles — diz Orlando. — Encontramos comunidades indígenas completamente virgens com relação às nossas doenças mais comuns como gripe, sarampo e cachumba. E muitos morreram, apesar do esforço dos médicos da Fundação Brasil Central, chefiados por Noel Nutels.

Quando fala no preço que os índios pagaram pelo contato com os brancos, Orlando nem pensa no preço que sua família pagou pela dedicação que eles tiveram com os índios. Leonardo, o mais moço dos Villas Boas, morreu aos 40 anos, enfraquecido pela vida na selva. Ele e Cláudio já tiveram 200 malárias e hoje precisam deixar a selva. Não pretendem deixar para sempre,

mas, como diz Orlando, a selva exige antes de tudo saúde, e a deles já não é tão boa.

— Depois de 32 anos de contato com os índios, viu-se que eles não perderam nada de sua cultura. Pelo contrário, assimilaram alguns traços da nossa tecnologia, sem que isso tenha destruído a sua estrutura.

Até 1944, conta Orlando, a política considerada ideal era a da integração do índio à nossa sociedade. Hoje, essa política já não satisfaz:

— Houve uma guinada na política indigenista — diz Orlando. Todo ano, nos seus pronunciamentos, os presidentes diziam que era preciso integrar o índio. Esse ano, o presidente Geisel falou diferente. "Estamos empenhados, disse ele, através dos órgãos de proteção aos índios, na preservação da cultura indígena".

Orlando gosta muito de citar Levy Strauss, o pai do estruturalismo, ao falar sobre índios: "Strauss diz que aqui no Brasil temos duas culturas paralelas, duas humanidades: uma tecnológica (a dos brancos) e outra estabilizada (a dos índios) que caminha para seu fim de maneira equilibrada. Enquanto a sociedade tecnológica em explosão vai conquistando coisas, o índio estacionou, fazendo seu artesanato exatamente como seus antepassados, há dois, três mil anos atrás. O índio parou, mas encontrou um lugar de equilíbrio dentro da sua sociedade". E isso, diz Levy Strauss, só seria possível numa sociedade restrita.

Um exemplo da sociedade indígena que Orlando Villas Boas conhece:

— Um dia uma tribo estava saindo para guerrear com outra. No meio do caminho, um índio resolveu voltar. Falou para os outros: "Não vou. Quando eles atacaram a aldeia, nenhuma flecha atingiu minha casa. Não tenho por que brigar com eles".

O índio voltou e ninguém tentou detê-lo.

— E não pense — diz Orlando — que alguém pode condenar esse homem ou chamá-lo de covarde. Ele é livre para decidir sobre sua vida. Ele não tem que obedecer a ninguém. Na sociedade indígena não há chefe; ninguém tem direito sobre o outro; ninguém explora o trabalho do outro. O que mantém a unidade tribal é o mundo mítico. Essa história de cacique é invenção de branco. O morubixaba, o pajé não é chefe, é apenas o elo de ligação entre o mundo natural e o mundo mítico.

Nessa sociedade indígena, cada um respeita o que é de outros. Cada um tem suas atribuições, e caso não cumpra o dever, o índio ou índia é advertido. Mas não diretamente, como corre entre os civilizados.

— Se um índio invade a roça do outro, se uma índia não faz o biju bem feito, o dono da roça ou o marido não pode reclamar diretamente. Ele conta o problema aos pajés e, à noite, eles fazem uma falação para toda a aldeia, sem dizer nomes. E que todos têm deveres, mas ninguém pode reclamar da atitude do outro.

O respeito ao outro, o respeito ao mundo mítico, são normas dos índios. Há a história de um menino que pôs fogo na casa dos seus pais e não foi punido. Os adultos riram muito e deram ao menino o nome de aratá — capitão do fogo. Os índios não puniram a criança — apesar de a construção de uma casa representar um trabalho duro — porque a criança é a encarnação de um antepassado.

Foi por respeito aos seus antepassados que uma índia ficou um dia inteiro fazendo potes de cerâmica e vendo, pacientemente, seu filho quebrar os potes. Ela não dizia nada. Construía outro. Até o menino cansar.

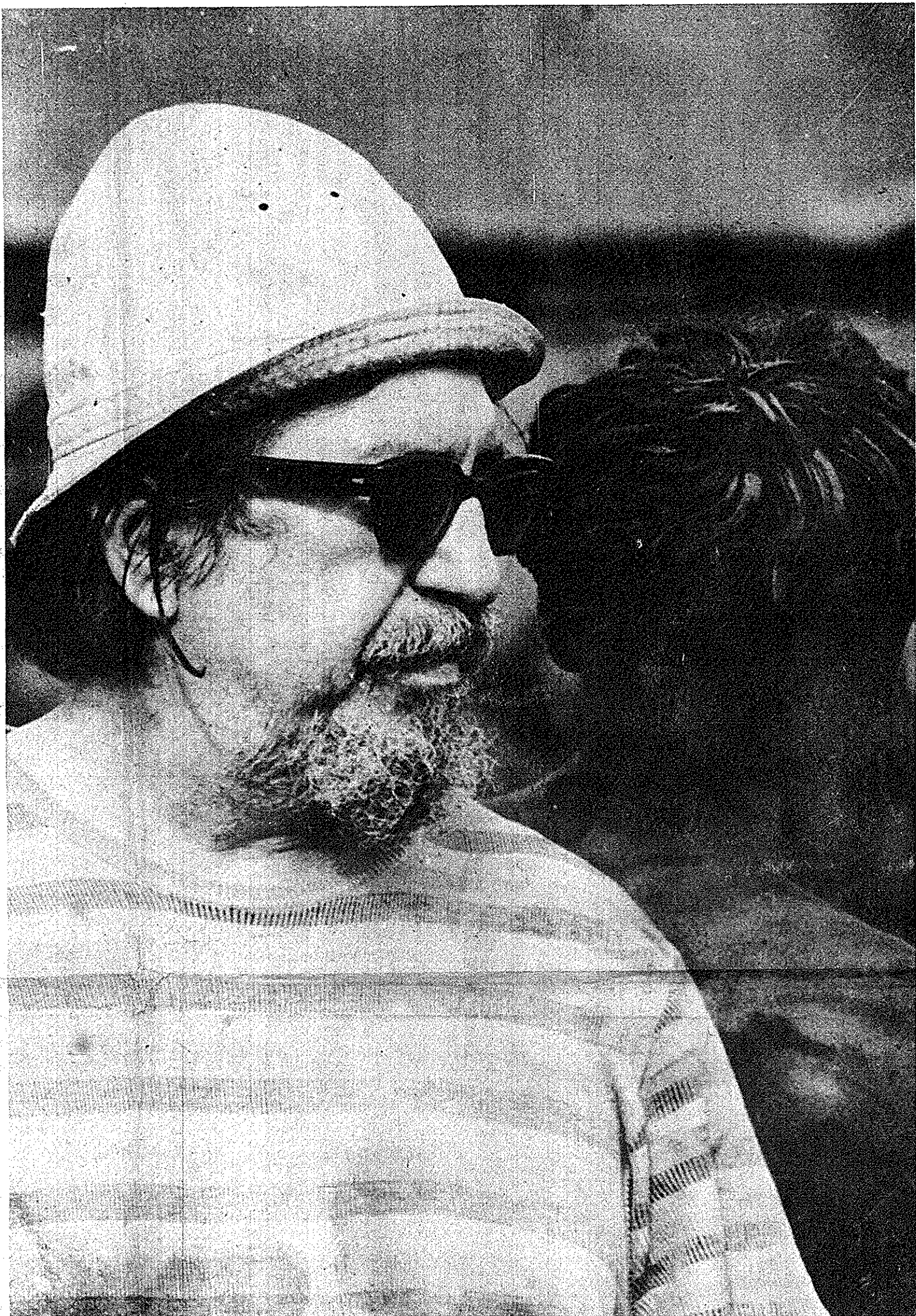
— Seria possível — pergunta Orlando — convencer o índio de que os seus valores não são corretos? O que conseguiram os missionários brasileiros que tentaram, desde o princípio da colonização, trazer os índios para a nossa religião?

Ele mesmo responde:

— A prova de que esse tipo de integração jamais daria certo é a orientação que o próprio Conselho dos Bispos do Brasil dá aos seus missionários. Eles devem colocar a catequese re-



Orlando viveu 32 anos na selva. Agora vai se aposentar, com seu irmão Cláudio. Os dois vão escrever sobre suas experiências entre os índios.



“ Se achamos que o nosso objetivo aqui, na nossa rápida passagem pela terra, é acumular riquezas, então não temos nada a aprender com os índios. Mas se acreditamos que o ideal é o equilíbrio do homem dentro da sua própria família, e dentro de sua comunidade, então os índios têm lições extraordinárias para nos dar. ”

ligiosa em segundo plano, fazendo da assistência sua maior preocupação.

Já que as tentativas de integração do índio não deram certo, o que se deve fazer para preservar os índios brasileiros?

— Terra, saúde e patrimônio são os pontos básicos para a preservação dos nossos índios. Isso só é possível através da manutenção das reservas e parques já existentes, e da criação de novos parques. Veja por exemplo o caso dos Kranhakörre. Quando os contatamos eram 160 índios. No dia da transferência deles para o Parque, menos de um ano depois, a aldeia tinha apenas 79 pessoas.

O ideal seria manter o índio nas suas terras, mas os Kranhakörre são um bom exemplo diz Orlando.

— Eles eram índios condenados, habitavam a área onde se construía a Rodovia Cuiabá-Santarem. E foi o contato com os brancos, com suas doenças, que praticamente dizimou aquela população. Para mantê-los vivos, a única saída era a transferência.

A adaptação do índio numa nova região é um processo lento. Os Kranhakörre acostumados a viver da caça e pesca, enfrentaram problemas sérios com a alimentação, ao chegar ao Parque. Sua primeira atitude foi colher mandioca brava, para fazer comida. Não fosse o auxílio dos cajatis — índios que já viviam no Parque — eles teriam morrido envenenados.

— Quando os cajatis tiraram a mandioca do fogo e jogaram ao rio, os Kranhakörre encararam aquela atitude com hostilidade. Quando descobriram que era preciso tratar a mandioca — moer, cozinhar — passaram a ter medo de comer qualquer planta da região. Hoje já estão mais adaptados. Mas o período de adaptação foi longo.

E eles tinham razão de ter medo, diz Orlando. Porque hoje dependem de tribos que até ontem eram inimigas.

Dentro do parque do Xingu — 26 mil quilômetros quadrados — convivem hoje os repre-

sentantes das quatro principais famílias indígenas brasileiras — os gês, caribés, tupis e arauacas, e algumas outras tribos de línguas diferentes.

Essas famílias, até há pouco inimigas, mantêm por enquanto as suas características: alguns são caçadores e pescadores, outros se dedicam à agricultura.

Mas Orlando diz que só o Parque do Xingu não é suficiente. Ele teme mesmo pela sorte do Parque cujos limites até hoje não foram demarcados, a não ser no papel.

— O Parque foi criado em 67, tendo o Rio Xingu como eixo e 40 quilômetros de extensão para cada lado. Os limites iniciais foram depois aumentados, ficando a área oficial do Parque em 26 mil quilômetros quadrados. Bem mais tarde, no governo Médici, o parque foi mutilado na sua zona Norte, para que fosse aberta a BR190. Essa estrada roubou do Parque 8.300 quilômetros quadrados. Em compensação, foi dada ao parque uma área no Sul. Só que essa área, além de ser de alagados, já está ocupada por fazendas. Será, certamente, uma área de litígio.

Orlando diz que a criação de parques, e sua manutenção pela Fundação Nacional do Índio, é a única salvação para o índio. E, assim como prega a criação dos Parques, combate a ainda mantida política da Funai de integrar os índios.

— O próprio Rondon, antes de morrer, reconheceu que não era certa essa política. Nós fizemos distinção entre integração e aculturação. A aculturação é inexorável, porque é impossível manter contato com um grupo humano qualquer sem despertar nele o desejo pelas coisas novas que vê. Seria desumano até impedir que o índio tire da nossa sociedade os instrumentos que lhe podem ser úteis. O que não aceitamos é a integração. Porque esse processo implica na substituição total de valores. Dos seus valores sociais, religiosos, culturais, tribais. Mesmo porque, até agora, só encontra-

mos dois ou três índios que participam da nossa sociedade. Mas vai ver o lugar que eles ocupam nela...

Orlando diz que esse é o pensamento dele, de Cláudio e de Alvaro — o mais novo dos Villas Boas, responsável pelos três postos indígenas de São Paulo (Bauru, Itanhaém e Penápolis):

— Achamos que o ideal seria manter o índio no seu mundo e permitir que ele fizesse a opção pela integração na nossa sociedade. A integração apressada, nós sabemos, representa o fim dos índios como povo, o seu desaparecimento.

Orlando pergunta por que a nossa sociedade resolveu abrir seus braços protetores sobre os índios. Por motivos "humanitários"? Ou por interesse de conseguir mão-de-obra barata?

— Na minha opinião — ele diz — o objetivo só pode ser o de conseguir mão-de-obra barata. O que, aliás, não é novidade. Tivemos um presidente da Funai que dizia: é preferível ter um índio trabalhando como engraxate do que um homem nú dentro da mata. E porque esse homem não sabia o que representa esse homem nu, nu, soberano e livre, dentro da mata.

O problema do índio, nesse caso, não seria minorado se eles conseguissem a sua emancipação legal?

— Esse é um problema controverso. No momento, não é vantagem nenhuma para o índio ser emancipado. Porque, assim que for emancipado, passará a ser encarado como o nosso sertanejo. Quando o governo emancipa o índio garante as suas propriedades? Não. Ele lhe dá terras? Não. Então qual a vantagem? Ter direito a vencimentos pelo seu trabalho? Trabalho em condições sub-humanas. Não, eu não vejo isso como solução.

Agora, após a aposentadoria, Orlando vai escrever, junto com Cláudio, sobre a experiência adquirida nestes 32 anos. Vão fazer conferências, projetar filmes, dar aulas. Vão tentar mostrar por que valeu a pena ter 200 crises de malária.

